

O ENCONTRO DO MESTRE E DO ASSISTENTE NAS TRILHAS DO SERTÃO: ENSAIO A RESPEITO DAS CONTRIBUIÇÕES DE ELIAS E MANNHEIM PARA AS PESQUISAS SOBRE JUVENTUDES E RURALIDADES NO BRASIL DO SÉCULO XXI¹

Maurício Antunes Tavares*

*“Esses homens! Todos puxavam o mundo
para si, para o consertar consertado.
Mas cada um só vê e entende
as coisas dum seu modo.”*

Guimarães Rosa
em Grande Sertão: veredas

Introdução

Nos últimos anos, vem aumentando consideravelmente o número de pesquisas que tomam o jovem/a juventude como “objeto de estudo”, abordando as mais variadas temáticas: da violência à sexualidade, das formas de participação social ao consumo – inclusive, mas não só, de drogas –, da relação com o mundo do trabalho às manifestações culturais. O retorno dos jovens à pauta das pesquisas e políticas públicas não é sem razão, são eles que constituem a maior parte do contingente de desempregados do país, frustrados por uma

situação de não-empregabilidade decorrente, em grande medida, das mudanças nos padrões de produção e gestão do trabalho que se intensificaram desde meados dos anos 80. Para muitos dos jovens das classes médias, a principal estratégia de enfrentamento dessa situação tem sido o prolongamento do tempo de formação, podendo ficar até os 25 anos de idade, mais ou menos, desonerados de responsabilidades maiores na manutenção de suas vidas ou de contribuir na manutenção de suas famílias. Mas essa é uma “opção” que não faz parte do campo de possibilidades de grande parte dos jovens da sociedade brasileira: são os jovens que não têm acesso ao ensino superior – na verdade, nem o Ensino Médio é universalizado no Brasil –, ou que têm acesso, mas em condições muito adversas. Eles pertencem a famílias

* Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco e doutorando em Sociologia pela UFPE.

que, muitas vezes, não têm como sustentar suas como suprir suas necessidades básicas que vão além da alimentação e do vestuário. Muitos dependem de si mesmos até para manter esse básico, ou para conseguir algo além, o que também é importante num período da vida em que a identidade confunde-se com o estilo, reflexo de uma sociedade que valoriza o "ter" como dimensão do ser. Para esses jovens, entre as alternativas que estão dentro do campo de possibilidades que eles têm acesso destacam-se as formas precárias de trabalho – empregos temporários, "bicos", estágios desvinculados de aprendizagem e sem compromisso de efetivação –, a migração, alternativa que não os livra das situações de precariedade no trabalho e, ainda, para uma pequena parte deles, o trabalho nas atividades ilícitas e ilegais. Todas essas condições têm "a precariedade como destino", e é por isso que cada vez mais, para esses jovens, o que importa é viver o *aqui* e o *agora* (CASTEL, 1998, p. 528).

Em minha pesquisa de doutorado tomo como "objeto de pesquisa" os jovens do interior, mais especificamente do Sertão Nordestino, interessado por investigar como eles vivem, as formas de socialibilidade e as representações que eles constroem sobre a vida no meio rural e no urbano – de um urbano não-metropolitano dos pequenos e médios municípios –, e como cada um constrói alternativas de trabalho em contextos de mudanças. Mas falar em jovens do sertão não é tarefa tão simples. De quem estou falando?

Dos muitos estudos que têm sido desenvolvidos sobre os jovens/juventudes, a primeira observação que se pode fazer é que não há uma única definição do grupo de pessoas que se encaixa nessa categoria. Nos estudos que delimitam uma faixa etária, esta varia muito, embora haja uma tendência a se focalizar a faixa de 15 a 24 anos de idade; outros *coortes* tendem a considerar a idade mínima entre 14 e 18 anos de idade e a máxima entre 24 a 30 anos de idade, levando em consideração fatores legais, tal como o Estatuto da Criança e do Adolescen-

te, que considera adolescente a pessoa que têm entre 12 anos e 18 anos incompletos; e fatores sociais, como o prolongamento da juventude nas classes médias a que fiz referência. Outros estudos recorrem a noções tais como *ciclo de vida* e *etapa de transição*. No primeiro caso, a tentativa é de associar a idade social à idade biológica, ou seja, ancorar as faixas etárias aos ciclos de desenvolvimento biopsicológico, tentativa que não é menos complexa uma vez que esse desenvolvimento varia entre indivíduos ou grupos sociais diferentes e não está dissociado das representações sociais sobre cada ciclo da vida: o que reconhecemos como criança, jovem, adulto ou velho não é universal, cada sociedade cria significados próprios para cada uma dessas idades. No segundo caso, falar em *etapa de transição* incorre no risco de definir a juventude pelo que não é – nem criança, nem adulto –, obliterando a visão sobre as especificidades dos indivíduos jovens.

De forma semelhante, os sentidos do rural e do urbano também suscitam debates. É rural somente o morador dos sítios, fazendas e pequenas comunidades de agricultores? E urbano refere-se aos moradores de qualquer cidade? Passamos por uma série de mudanças estruturais na conformação dos espaços não-metropolitanos que tem motivado novos questionamentos sobre as delimitações tradicionais que tratam esses mundos como opostos. No Brasil, onde essa definição é feita através de lei e segue um padrão simplificado – é urbano aquele aglomerado de moradias e construções servido por melhoramentos tais como iluminação pública, vias calçadas e assim definido por lei municipal –, a população de algumas vilas e povoados é considerada como urbana nos censos demográficos. Essa e outras situações observadas têm gerado intensos debates no intuito de rever, ou recriar conceitos que expressem as novas dinâmicas populacionais, onde a classe média urbana se desloca para as áreas rurais no entorno das grandes e médias cidades e os trabalhadores rurais passam a viver nas periferias dessas cidades.

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XX

Maurício A. Tavares

E o que dizer então da noção de Sertão. Sertanejo é aquele que nasce no Sertão, mas essa noção também remete a outros sentidos, de ordem cultural, que qualificam diferentemente os sertanejos em relação às pessoas do litoral e das capitais. A noção de sertão é amplamente utilizada na literatura brasileira para se referir às extensas terras do interior do Brasil que se contrapõe ao litoral, lugar privilegiado pela colonização. Entretanto, esse termo se dispõe a uma variedade de significados, de acordo com as diferentes coordenadas históricas e culturais dos lugares onde é empregado. Entre camponeses da região do Vale do Paraíba, na confluência entre os Estados de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, Brandão (1995) verificou que o significado de sertão se referia às terras não exploradas pela agricultura, às matas, aos lugares de habitação dos índios e caboclos, portanto, às terras situadas além da fronteira do mundo rural, terras do domínio da natureza. O Sertão Goiano e Matogrossense tem relação com as áreas de expansão da mineração, colocando os tropeiros e boiadeiros como agentes civilizadores que fundam novos aglomerados humanos em terras antes dominadas pelos povos indígenas (GUIMARAES NETO, 2006; VICENTINI, 2007). Já o Sertão Nordeste carrega as referências da seca, do flagelo e da migração, mas também da valentia, do cangaço, da civilização do couro, da resiliência do sertanejo que sobrevive aos infortúnios dos cangaceiros e coronéis e das calamidades da natureza (QUEIROZ, 1986).

A essas questões soma-se outra, também primordial para os estudos de juventude, sobre as formas como os jovens constroem projetos de vida e de inserção no mundo do trabalho em contextos de mudanças estruturais. A tensão projeto familiar-projeto pessoal parece ser mais forte no meio rural, porque são as famílias camponesas que apresentam uma maior unidade entre a hierarquia familiar e o modo de produção, entre reprodução social e produção

econômica. Essa tensão é vivida como conflito de gerações nos seguintes termos: os interesses comuns da família estão entrelaçados à questão da propriedade, bem como as possibilidades de consumo deriva das possibilidades resultantes da produção na propriedade familiar, que por sua vez depende do engajamento de filhos no trabalho agrícola, assumindo peso e significação diferentes de acordo com as idades e sexo de cada um dos seus membros. A necessidade e, dependendo da família, quase obrigatoriedade do engajamento dos filhos no projeto familiar é fator gerador de tensão entre pais e filhos quando estes rejeitam tal perspectiva.

De todas essas questões suscitadas, percebe-se que muitas chaves de compreensão podem ser acionadas para compreender o modo de vida desses jovens sertanejos e sertanejas. Neste artigo pretendo expor a contribuição da sociologia de Norbert Elias e de Karl Mannheim que podem iluminar caminhos para uma melhor compreensão de questões relativas aos estudos sobre juventudes e sobre ruralidades na atualidade.

Elias: psicogênese e sociogênese no processo de formação do indivíduo

Para Elias, cada sociedade forma um "repertório de padrões sociais de auto-regulação" e o processo de socialização que se inicia na infância é o que forma um indivíduo adequado ao seu tempo e à sua sociedade (ELIAS, 1994, p. 8). De forma semelhante ao que Ariès fez em sua *História social da criança e da Família*², Elias também identifica, nas tendências das elites burguesas de valorização da distinção e do mérito, a permanência revitalizada das noções de prestígio e distinção da sociedade aristocrática. As influências dessa *visão de mundo* burguesa entrou nas entranhas da sociedade ocidental, disseminada nas formas de socializar as crianças e os jovens diferenciando-os segundo a classe social, sexo, lugar de origem, etnia e cor da pele, que tiveram repercussão na esfera pública. Na organização do sistema público escolar brasileiro, por exemplo, é nítida a de-

○ encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XXI

Maurício A. Tavares

limitação dos públicos preferenciais de cada nível de ensino: o ensino fundamental para os pobres e o ensino superior para as classes médias e ricas. Também na formação do aparato jurídico-institucional, destinado à infância, ficaram impressos os rastros dessas idéias, que tomaram corpo nas ultrapassadas legislações sobre o "menor", categoria inventada para "justificar" os arbítrios das políticas de internação (detenção) das crianças e jovens pobres nas instituições "corretivas".

Por outro lado, o caminho traçado por Elias abre possibilidades de observar espaços sociais onde sobreviveria um *ethos* pré-capitalista. É o caso de uma parte da sociedade rural sertaneja que ocupa as margens do capitalismo, como exportadora de produtos agrícolas e de energia³. Na perspectiva elisiana, de acordo com o peso maior ou menor da pressão "modernizadora" que incide diferencialmente sobre as sociedades locais, emergem conflitos entre padrões diferenciados de sociabilidade e de socialização dos jovens. De um lado crescem as influências do modelo hegemônico, que tem como principais porta-vozes as classes médias e altas urbanas e que é difundido pelos meios de comunicação de massa. Este é o modelo que valoriza o consumo e as *performances* individuais, baseado na competitividade. De outro lado, na resistência, estão os padrões de comportamento voltados para a construção de um bem-estar coletivo, baseados na interdependência e na reciprocidade, que bebem nas fontes das comunidades indígenas, negras, de caboclos e de ribeirinhos presentes no sertão desde os tempos da colonização até os dias atuais.

Elias afirma que, *Nas comunidades mais primitivas e unidas, o fator mais importante do controle do comportamento individual é a presença constante dos outros, o saber-se ligado a eles pela vida inteira e, não menos importante, o medo direto dos outros* (ELIAS, 1994, p. 108). Enquanto que nas sociedades mais complexas é a capacidade de *refreamento, controle afetivo, renúncia e transformação dos instintos* (Idem, 1994, p. 32), que leva a pessoa a manter longe do olhar dos outros seus desejos e projetos;

portanto, é o autocontrole que assume a função de ser o principal controle social do comportamento individual, remetendo o papel da coletividade ao segundo plano.

Consequentemente, nestas últimas, as sociedades complexas, prevalece a noção de que o *indivíduo*, ou o *individual*, refere-se ao que é inteiramente particular a uma pessoa, próprio dela, de forma tal a se confundir o particular/individual como algo dado pela natureza. Tenta-se, com isto, distinguir o que é "inato" ao indivíduo, do que é "socialmente condicionado", como se houvesse um "lado de dentro" no indivíduo existindo de forma independente do "lado de fora", isto é, da relação do indivíduo com os outros, gerando a sensação de conflito entre o indivíduo e a sociedade.

Isto decorre da maneira como a sociedade moderna faz a socialização de seus membros, a forma como ela promove "a adaptação do indivíduo a suas funções adultas". Diz Elias que,

[...] quanto mais estável é a formação superegógica exigida pelo desempenho das funções adultas numa sociedade, maior se torna, inevitavelmente, a distância entre o comportamento das crianças e o dos adultos; quanto mais difícil se torna o processo civilizador individual, mais longo é o tempo necessário para preparar as crianças para as funções adultas. (1994, p. 32)

Elias identifica, no curso do processo de civilização, uma tendência ao distanciamento cada vez maior entre o comportamento dos adultos e das crianças, o que corresponde, hoje, ao prolongamento do período de preparação para o ingresso no mercado de trabalho entre os jovens das classes médias.

Quando a infância e a juventude são entendidas como fases de preparação para a vida adulta, a criança e o jovem são estimulados a apreender o mais amplo horizonte de conhecimentos e aptidões, a ter uma visão abrangente da vida, para depois, ao assumir os encargos da vida adulta, abandonar ou reprimir boa parte dos conhecimentos e aptidões desenvolvidas em função de uma racio-

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XX

Maurício A. Tavares

nalidade produtiva. E isso reforçará ainda mais a tensão e a sensação de cisão entre o “eu” interior e o mundo social, com o sentimento de que o indivíduo, para viver em sociedade, deve “abdicar de si”. Mas, aqueles conhecimentos e desejos que o jovem deixa para trás – em nome de uma suposta gestão eficiente da carreira profissional escolhida para se tornar um adulto bem sucedido –, eles ainda permanecem vivos e, muitas vezes, movimentam projetos pessoais que são executados nas horas de não-trabalho ou que embalam os sonhos de aposentadoria.

A explicação eliseana para o advento do novo e as permanências que resistem à mudança social é possível dentro de um pensamento que utiliza as noções de sociedade complexa e sociedade tradicional como modelos comparativos, com a finalidade de auxiliar a compreensão das passagens de uma configuração à outra (CHARTIER, 2001), portanto cabe bem no estudo de sociedades periféricas do sistema capitalista.

Um outro aspecto abordado por Elias é a questão da diferenciação e diversidade individual dentro de um mesmo grupo social. A experiência mostra que, mesmo dentro de um único padrão de socialização, não são gerados indivíduos idênticos, daí que entre a estrutura do grupo social que socializa e a estrutura do indivíduo que é socializado sempre haverá sobras, como superfícies que nunca se encaixam perfeitamente. Isto é consequência muito mais das relações entre os indivíduos do que de características inatas herdadas biologicamente. Cada criança é socializada por um grupo social já constituído e esse grupo – que é formado por diversos membros que trazem consigo o passado incorporado da socialização recebida do seu grupo de origem –, utiliza essa herança para viver o presente, que atualiza e reconfigura o que foi incorporado para que esse conhecimento possa responder às necessidades do *contexto funcional* no qual as pessoas vivem.

Esse *contexto funcional* – expressão do autor – é formado por uma rede extensa, porém finita, de funções existentes em uma sociedade, resultantes do grau de complexidade

das atividades humanas que coexistem nessa sociedade. A estrutura do contexto funcional será diferente se comparadas uma sociedade de agricultores e uma sociedade extrativista (caçadores ou mineradores), ou entre uma sociedade de agricultores e uma sociedade industrial e, ainda, diferirá também entre grupos sociais existentes dentro de uma mesma sociedade industrial. Cada “contexto funcional” deriva da existência de uma rede de funções interdependentes que liga as pessoas entre si das quais as pessoas não têm como escapar: a interdependência é a condição da existência das sociedades.

É assim que Elias articula a psicogênese das pessoas individuais à sociogênese dos grupos sociais. Admitindo que *a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas* (ELIAS, 1994, p. 28), e que “A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis” (ELIAS, 1994, p. 21), Elias demonstra que o tornar-se adulto vai além da sucessão natural dos ciclos de vida, do desenvolvimento físico-intelectual da infância para a juventude e desta para a idade adulta, e deve ser entendido como resultados das coações sociais que se modificam com o desenrolar da história, e que são apropriadas pelos indivíduos como algo próprio seu (WAIZBORT, 1998).

Essa articulação me parece muito importante para uma teoria da reprodução social: aos indivíduos de uma sociedade se abre um elenco – mais ou menos variado em cada sociedade –, de formas de pensar e de agir compatíveis com a sua sociedade. E das múltiplas relações que os indivíduos estabelecem e dos efeitos das posições que os indivíduos tomam e dos conflitos que fazem parte das relações humanas se configura um campo de possibilidades para a construção de projetos e alternativas de formação, de trabalho e de fruição.

Avançando no entendimento desta articulação podemos dar mais um passo na com-

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XXI

Maurício A. Tavares

apreensão do processo de diferenciação individual e de mudança social. Ambos os processos têm sua própria dinâmica, mas estão inter-relacionados. A diferenciação individual se apóia sobre diversos fatores – nacionalidade, região, língua, etnia, cor da pele, gênero, classe social, grupo de status e outros marcadores sociais –, ou seja, depende da “estrutura do grupo” ao qual o indivíduo está ligado, da posição do indivíduo no grupo e do processo formador decorrente. E desse processo emerge outro sentido da diferenciação e da mudança social: como frutos das relações humanas, sempre poderão surgir novas idéias que não existiam antes, alterando e remoldando as relações sociais, as formas de sociabilidade e de socialização dos indivíduos dessa sociedade.

Como a sociedade, segundo Elias, não é mais do que os próprios indivíduos em relações de interdependência, ela não forma um corpo social independente, nem pode ser entendida como um todo. É sempre aberta, incompleta. Esta incompletude das sociedades e o desencaixe entre indivíduo e sociedade leva “as pessoas [a] mudarem em relação uma às outras e através de sua relação mútua, de se estarem moldando e remoldando” (ELIAS, 1994, p. 29).

Nesse sentido, ganha dimensão o problema das gerações enquanto dimensão que gera, simultaneamente, o encaixe e o desencaixe entre o indivíduo e a sociedade. Segundo Elias, só se pode chegar a uma compreensão clara da relação entre indivíduo e sociedade quando nela se inclui o perpétuo crescimento dos indivíduos dentro da sociedade, quando se inclui o processo de individualização na teoria da sociedade. A historicidade de cada indivíduo, incluindo o processo de desenvolvimento até a maturidade, é a chave da compreensão do que é a sociedade.

Mannheim e o problema sociológico das gerações

Mannheim situa o debate acerca das gerações dentro da sociologia do conhecimento. Dois tipos de explicação, não especificamente

sociológicas, parecem relevantes para o problema em questão. A primeira é a explicação positivista. Para os positivistas o problema das gerações tomou-se importante porque representava a possibilidade de explicar o progresso social a partir de fatores biológicos, utilizando *um conceito de tempo mecanicista, externo [...] como medida objetiva do progresso unilinear em virtude da sua tradução em termos quantitativos* (MANNHEIM, 1975, p. 122). Comte chegou a definir que uma geração sucede a outra a cada trinta anos, considerando que o tempo de maturidade do homem começa aos trinta anos e o tempo da velhice aos sessenta anos. Assim, para os positivistas a geração é um fato natural, bruto, quantitativo e mensurável.

O historicismo-romantismo alemão inverte toda a problemática positivista sobre a questão das gerações. Nessa tradição, o tempo é vivido subjetivamente pelas pessoas, como experiências e, por isto, diferenciado, daí não há nenhuma linearidade no progresso. O conceito de tempo, retirado de Dilthey, leva ao entendimento de que “a contemporaneidade é uma condição subjectiva de sujeição às mesmas forças determinantes” (MANNHEIM, 1975, p. 123).

A crítica de Mannheim à visão positivista sobre as gerações é que ela é insuficiente para explicar as mudanças sociais que derivam da condição geracional: cada geração produz alguma coisa de único que não pode ser deduzido dos meros fatos naturais e estatísticos da idade biológica e da juventude. Já para a outra perspectiva, Mannheim aponta que ela impõe dificuldades enormes para se produzir qualquer tipo de análise científica.

A questão fundamental que Mannheim levanta é esta: *que espécie de relação social motiva o fenômeno social particular de um grupo etário?* A geração não é um grupo concreto, não possui uma estrutura organizacional visível, nem o caráter de comunidade vital como a família, contudo pertencer a uma geração determina certas facetas do comportamento e do pensamento de várias pessoas; essas pessoas pensam e agem de um modo parecido porque ocupam um certo lugar num todo estrutural. Logo, certas formas de pensamento e ação

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XXI

Maurício A. Tavares

devem ser analisadas em termos do lugar que ocupam dentro de um processo dinâmico.

Mannheim introduz o termo *Lagerung* (estratificação) para significar os traços comuns a alguns indivíduos que são determinados não pela escolha consciente, mas apenas em virtude da sua localização aqui e não ali no processo social. Nisto Mannheim assemelha a geração à situação de classe. Os membros de um mesmo grupo mostrarão certas semelhanças porque as primeiras experiências cruciais de suas vidas os colocaram em uma situação comum. Isso porém ainda é insuficiente para definir uma geração, segundo afirma Mannheim, pois, num dado momento, os grupos de idade mais velhos e mais novos contemporâneos numa sociedade experimentam os mesmos acontecimentos, mas os efeitos desses acontecimentos produzem sentidos diferentes em cada grupo.

Ser contemporâneo pode ser definido como a condição de pessoas que vivem o mesmo tempo histórico-social e, por isso, estão sujeitas a determinadas influências comuns, porém, não é um mero dado cronológico, na medida em que a coincidência de viver, numa mesma época, não é suficiente para determinar as trajetórias de grupos e indivíduos. Ao lado de uma “tendência inerente a toda situação” e de “modos definidos de comportamento, sentimento e pensamento”, Mannheim também abre o repertório para falar em “identidade de situação”, o que sugere a variação de itinerários no interior de uma mesma geração, a partir das diferentes formas dos indivíduos (pessoas e grupos) se apropriarem da “herança cultural de sua sociedade” (MANNHEIM, 1982, p. 73).

Então, o mero fato de pertencer a um mesmo grupo etário não determina por si só a orientação total de várias pessoas. Em primeiro lugar, não haverá nada de comum a uma geração se as pessoas não compartilharem de uma mesma cultura ou viverem numa mesma comunidade. Além disso, mesmo dentro de uma comunidade histórica, o mesmo grupo etário pode estar dividido em

vários sub-grupos definidos, por exemplo, pelas situações de classe. Logo, os vários grupos etários polarizam-se então, em unidades de geração antagônicas.

Para Mannheim as unidades de geração antagônicas à tendência dominante sempre existiram, mesmo quando não percebidas. A idéia de tendência dominante está por trás de certas generalizações que são feitas a partir da idéia de geração, tais como nomear a *geração de maio de 68* como a juventude revolucionária, da ação radical e da liberação sexual. Isso, sem dúvida, se ancora sobre uma determinada memória social de acontecimentos daquele período histórico, mas, como toda generalização, exclui uma gama de outros jovens que na época não compartilharam dos mesmos modos de pensamento e comportamento.

Abre-se a questão de considerar como os novos indivíduos que chegam a um grupo social interagem com a herança cultural da sua sociedade e com as tradições de seu grupo. Cada geração herda da outra um repertório cultural, porém, este nunca pode ser absorvido completamente, em virtude de a experiência ser vivida diferencialmente – e, conseqüentemente, imprimir sentidos diferentes, dependendo se são trabalhados em uma base de experiência já formada ou não (MANNHEIM, 1975, p. 37) –, porque a base onde se inscrevem as experiências e os sentidos varia entre pessoas e grupos. Mannheim destaca por isso a importância do “contato original” dos indivíduos que nascem e que vão adquirindo suas primeiras experiências de vida.

O “contato original”, segundo Mannheim, é uma das forças de renovação cultural da sociedade, pois remete às formas como os indivíduos reagem em contato com o novo, seja em função de uma mudança na situação social, ou, no caso das gerações, em função da constante renovação na composição do grupo social, com a saída de uns e a entrada em cena de novos componentes do grupo. Este, para Mannheim, é o tipo

potencialmente muito mais radical, pois, com o advento do novo participante no

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XXI

Aurécio A. Tavares

processo da cultura, a mudança de atitude ocorre em um indivíduo diferente, cuja reação em relação à herança transmitida por seus predecessores é completamente nova (MANNHEIM, 1982, p. 75).

No “contato original” são avaliados e reavaliados os repertórios das idéias, atitudes e comportamentos das tradições culturais vigentes numa sociedade, possibilitando a inovação do inventário de práticas sociais. A seleção do que é mais ou menos significativo no conjunto da herança cultural para formar um inventário de idéias e práticas sociais é realizada tanto, e mais, pelo inconsciente, quanto, e menos, pelo consciente racional. Esse inconsciente é também fruto das socializações primárias que são incorporadas pelos indivíduos, principalmente da infância à juventude: *os elementos reflexivos frequentemente são mais dependentes dos elementos não-reflexivos do que vice-versa* (MANNHEIM, 1982, p. 77)⁴. Estes elementos reflexivos e não-reflexivos constituem um repertório de memórias, algumas apropriadas socialmente e outras adquiridas pessoalmente. São estas últimas, as memórias que representam uma aquisição original, as que são associadas mais especificamente à juventude, como fase de experimentação e potencial de renovação, embora, adverte Mannheim, *nada é mais falso que a suposição usual [...] de que a geração mais jovem é ‘progressista’ e a geração mais velha eo ipso conservadora* (Idem, 1982, p. 79).

Mannheim coloca em questão a “significação biográfica de uma experiência”. Na infância, a assimilação dos elementos culturais, mesmo os racionais, é feita de forma “não-problemática”, enquanto que *por volta dos 17 anos de idade, às vezes um pouco mais cedo ou mais tarde [...] os problemas da vida começam a ser localizados em um ‘presente’ e são experienciados como tais* (MANNHEIM, 1982, p. 82). A estratificação da experiência, assim como da memória ocorre em um processo complexo. Por um lado, contribui o fato de vivenciar situações comuns a partir de posições comuns na escala social, criando vínculos concretos, não por efeito da situação real que partilham, pois

essas se manifestam como possibilidades que podem, ou não, vir a se concretizar, mas devido ao fato de ficarem expostos aos mesmos sintomas sociais e intelectuais no processo social. Isto é o que Mannheim chama de “geração enquanto realidade”, localizando no plano das experiências vividas o seu elo. Indo adiante, porém, as experiências, por si mesmas, produzem significados. Quando os indivíduos de uma mesma geração elaboram os sentidos dessas experiências a partir de modos de pensamento e comportamento específicos, então esses constituem uma “unidade de geração” diferenciada em torno de uma “visão de mundo” (MANNHEIM, 1982, p. 86-87).

No artigo *Contribuição para a teoria da interpretação das visões de mundo* Mannheim define *Weltanschauung* (visões de mundo) como o resultado de *uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura, que por sua vez constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos* (MANNHEIM, 1980, p. 101, citado por WELLER, 2005, p. 262). Coloca dessa forma, a visão de mundo como processo de formação relacionado à significação das experiências vividas de forma diferenciada pelos grupos sociais.

É nesse ponto, em que o rural surge, para Mannheim, como um destes lugares que compoariam uma situação específica e capaz de gerar um vínculo real, a partir de *princípios formativos originais próprios, e adequados à sua situação particular* (1982, p. 92). Referindo-se ao campesinato, ele afirmava que

em tais comunidades [camponesas], o ritmo é tão gradual que as novas gerações se desenvolvem longe de suas predecessoras sem qualquer ruptura visível, e tudo o que podemos notar é a diferenciação puramente biológica e a afinidade baseada na diferença ou igualdade de idade” (p. 93).

Falando da primeira metade do século 20, em que fazia sentido essa distinção tão radical que entre o rural e o urbano, tal condição não corresponde ao contexto atual da maior parte das comunidades rurais interconectadas às cidades, ou fisicamente, pelo sistema

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século X

Maurício A. Tavan

de transportes, ou virtualmente, pela circulação de produtos e informações.

E, nesse ponto, é necessário voltar para Elias e articular os dois pensadores para enfrentar os desafios de compreender os processos sociais que afetam os jovens no interior do Brasil.

A construção de uma visão plural sobre indivíduos e contextos

A juventude como um todo está no centro das atenções dos pesquisadores, dos governos e dos organismos internacionais, em função de ser um dos grupos mais sensíveis às recentes transformações sociais e culturais que têm impactado diversos países e regiões do planeta. Castel (2001) considera que a juventude, atualmente, é uma categoria social das mais prejudicadas nas suas relações com o mundo do trabalho e com as políticas de inclusão social, vivenciando carreiras escolares irregulares e, mesmo quando atingem o Ensino Médio, este dificilmente atende às demandas de ingresso no mercado de trabalho. John Durston (1998) refere-se à “invisibilidade” da juventude rural como decorrência de sua dupla condição: como jovens, as instituições públicas estão “engatinhando” no desenvolvimento de políticas públicas específicas para esta população e ainda focalizam suas ações para os problemas vividos pelos jovens urbanos e, como rurais, suas necessidades e expectativas não são contempladas nas políticas públicas voltadas para a população do campo. Wanderley (2003) acrescenta que esse esquecimento do jovem pelas políticas públicas, na verdade, não atinge só o jovem rural, mas toda a família camponesa e está refletido também na política educacional que ignora as necessidades e os modos de vida dos camponeses, ou pior, associa-os ao atraso e não ao desenvolvimento.

Dessa forma, a pauta que está associada à juventude tem a ver com as consequências da modernização impostas pelas forças hegemônicas do capital, que se traduzem nos termos amplamente difundidos pela indústria cultural: desemprego juvenil,

violência juvenil, exclusão juvenil, cultura juvenil. De uma forma genérica, a juventude é evocada como o grupo que tem que vencer os maiores obstáculos para projetar seu futuro em meio a um mundo em mudanças.

Na perspectiva de Norbert Elias, investigar os processos de mudança macrosociais deve levar, necessariamente, à investigação dos processos de formação dos indivíduos. Não há dissociação entre indivíduo e sociedade. Na perspectiva que Karl Mannheim coloca para uma sociologia da juventude, perguntar pelos motivos das ações dos indivíduos que compartilham um tempo social é também examinar o contexto em que vivem. Nesse autor de influência marxista, o pêndulo vai para o lado da sociedade.

Para falar de jovens sertanejos, do interior, interessa estar atento à forma como incidem os fatores sociais e culturais sobre a atual geração, conformando situações reais e campos de possibilidades que vão ser o espaço, onde serão marcadas trajetórias individuais e onde poderão se formar grupos sociais reais em determinadas circunstâncias. Por isso, é preciso aliviar o conceito de gerações do peso das estruturas sociais, trazendo, da sociologia eliasiana, esse conceito de sociedade que não é nada mais nada menos do que efeito conjunto produzido pelas multiplicidades de redes de relações interpessoais.

A juventude sertaneja atual, em grande parte, habita um rural que não é mais a comunidade camponesa tradicional a que se referiu Mannheim, estacionada no tempo, pelo contrário, vive num rural conectado com o sistema de cidades⁵, movimentando-se pelas redes físicas e virtuais, pressionado pela “modernidade”. O jovem do campo e também o da cidade vivem uma espécie de *bricolage* de estilos de “ser jovem”. Dependendo do lugar em que vive, suas fontes podem vir de um estilo “rural profundo”, semelhante ao de gerações passadas, até um estilo metropolitano, com a difusão de imagens de uma geração jovem que, cada vez mais, adota símbolos visuais como marcadores que identificam pertencimentos, gostos, atitudes e que constituem uma base de reconhecimento

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XXI

mútuo e aproximação, ou de estranhamento e distanciamento entre os jovens.

Este percurso analítico converge com as análises de Queiroz (1979), que considera a penetração de estilos de vida citadinos mesmo na ausência de um processo de industrialização, o que leva à urbanização de uma população a partir das práticas culturais, ou melhor, das mudanças das práticas culturais nas sociedades rurais.

A contribuição que a sociologia dos processos de Elias coloca para os estudos sobre juventudes e ruralidades é esta possibilidade de olhar o jovem rural nas relações de interdependência com todo o potencial de tensão e conflito que é gerado, bem como ver como se organizam as forças de equilíbrio das tensões. Tensões que são experimentadas primeiramente no âmbito da família – onde assume a forma de conflito de gerações –, mas, que a transcende, podendo ser vivida como conflito com toda uma cultura e uma tradição. Dessa forma, o jovem será, simultaneamente, portador *de um ideal de ruptura e*

de continuidade do mundo rural (WANDERLEY, 2006, p. 19), o que traz à tona a perspectiva de Mannheim para o estudo das gerações.

Articuladas, essas perspectivas teóricas contribuem para orientar um olhar sociológico sobre as trajetórias individuais de jovens rurais, revelando como eles se movimentam num campo de possibilidades finito, mas aberto, em transformação. As trajetórias individuais podem ser entendidas como resultados de escolhas e de acontecimentos fortuitos dentro de um campo de possibilidades que, em parte, reflete a gama de opções possíveis de formas de ser, pensar e de agir que estão presentes numa sociedade e, em parte, reflete as próprias relações estabelecidas entre os indivíduos que, voluntária ou involuntariamente, vão formando redes.

É por isto, por esses processos de mudanças nas relações sociais, que não é possível falar de uma juventude rural ou urbana no interior do Brasil, mas de juventudes, ruralidades e urbanidades plurais.

Cada sociedade tem a sua polifonia.

Notas

¹ Uma versão em espanhol deste artigo, com pequenas modificações, foi apresentada como comunicação oral no XI Simpósio Internacional Processo Civilizador – Universidade de Buenos Aires-Argentina.

² Ariès associa algumas práticas sociais da sociedade industrial, como o trabalho infantil no campo, às racionalidades pré-burguesas de classes sociais desfavorecidas na sociedade industrial, como fruto de concepções distintas sobre a infância, a família e as formas de socializar os filhos e filhas, diferentes das concepções da burguesia ascendente.

³ Os principais produtos cultivados no sertão nordestino, além dos alimentos voltados ao consumo local e regional, são as frutas para exportação produzidas nas áreas de irrigação que não chegam a ocupar 5% da área geográfica. No vale do Rio São Francisco foram construídas imensas barragens hidrelétricas que exportam energia para o Sudeste do país.

⁴ Esta referência seria posteriormente desenvolvida por Bourdieu através do conceito de habitus.

⁵ Retiro-me a presença dos jovens rurais nas cidades, no entorno de onde mora ou não, em busca de trabalho, diver-

são, escolarização ou serviços essenciais. A idéia de sistema cidades está baseada em estudos que mostram as hierarquias entre municípios no território brasileiro, baseada numa divisão territorial do trabalho tanto entre o campo e a cidade como entre cidades de diferentes tamanhos. As grandes cidades seriam os pólos de irradiação de tecnologias e serviços de ponta; as cidades médias como centros de redistribuição, ou seja, satélites dos pólos, ficando as cidades pequenas como clientes das cidades médias. Desta forma, os moradores das cidades pequenas são obrigados a se deslocar para as cidades médias para obter uma parte dos produtos e serviços essenciais à vida moderna. Ver, entre outros: FARIA, Vilmar E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil; tendências e perspectivas. Novos Estudos, São Paulo, (29): 98-119, 1991; CAIADO, Aurílio Sérgio Costa. Dinâmica socioespacial e a rede urbana paulista. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, 9 (3): 46-53, jul/set. 1995; CAMARANO, Ana Amélia. BELTRÃO, Kaizô Iwakami. Distribuição espacial da população brasileira; mudanças na segunda metade deste século. Rio de Janeiro, IPEA, 2000. 28 p. (Texto para discussão, 766).

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século X

Maurício A. Tavar

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Apartilha da vida*. São Paulo, GEIC/Cabral, 1995.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHARTIER, Roger. "Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador". In: ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 7-25, 2001.

DURSTON, John. (1998). *Juventud rural em Brasil y México: reduciendo la invisibilidad*. Santiago do Chile: CEPAL. Acesso: www.cinterfor.org.uy, em 10.08.2002.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do Século XX*. Cuiabá (MT): Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

KECSKEMETI, Paul. "Introduction". In: MANNHEIM, Karl. *Essays on the sociology of knowledge*. London: Routledge e Kegan Paul LTD, 1964.

MANNHEIM, Karl. "O problema das gerações". In: MANNHEIM, K., *Sociologia do Conhecimento*. Vol. II. Lisboa: Ed. Rés, pp. 115-175, 1975.

_____. "O problema sociológico das gerações". In: FORACCHI, M. M. (org.), *Mannheim*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 25. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

_____. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Do rural e do urbano no Brasil". In: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. *Vida Rural e Mudança Social*. São Paulo: Ed. Nacional, pp. 160-176, 1979.

_____. *História do Cangaço*. 3ª ed. São Paulo: Global, 1986.

VICENTINI, Albertina. *Regionalismo literário e sentidos do sertão*. Sociedade e Cultura. Goiânia (GO), vol. 10, n. 2, pp. 187-196, 2007.

WAIZBORT, Leopoldo. *A vida humana e a maturidade no processo de civilização*. Anuário de Educação 1997/1998. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 59-75, 1998.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife: UFPE/CNPq, 2006. (Relatório de pesquisa).

_____. *Juventude Rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq. Recife: UFPE, 2003.

_____. *Urbanização e Ruralidade: Relações entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural e Estudo Preliminar sobre os Pequenos Municípios em Pernambuco*. Impresso, data desconhecida.

WELLER, Wivian. *A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos*. *Sociologias*, n. 13, pp. 260-300, 2005.

O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XXI

aurfício A. Tavares

